

Artigos

O alienista: entre a razão e a loucura de Simão Bacamarte

The Alienist: between reason and madness in Simão Bacamarte

Marcos Ramponi dos Santos ¹

¹ Graduado em Letras pela Universidade Paulista – UNIP. Pós-graduado em Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal do Piauí. Professor na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

✉ marcosramponi@hotmail.com

Palavras-chave:

O Alienista.

Saúde Mental.

Machado de Assis.

Resumo

O conto *O Alienista* foi escrito por Machado de Assis e publicado entre 1881 e 1882, tendo como protagonista Simão Bacamarte, o alienista, que pode ser entendido como o precursor do psiquiatra. Bacamarte ocupa lugar de destaque na vila de Itaguaí, no Rio de Janeiro, após voltar de seus estudos na Europa. Instalou a casa de Orates ou Casa Verde, um asilo para tratar da saúde mental dos considerados alienados. Com o apoio dos vereadores e da população local, logrou êxito, mas se tornou obcecado e acabou internando quase todos os moradores. Utilizou-se a metodologia de revisão bibliográfica que tem por objetivo o levantamento de materiais relacionados ao tema do estudo. Assim, este artigo tem por objetivo analisar a obra machadiana em sua crítica sobre a sanidade e a loucura, refletindo sobre o papel e autoridade do médico psiquiatra, além de pensar o modelo de internação em asilos e hospícios. Hoje em dia, após diversas leis e decretos, estudos e maior entendimento das questões mentais, os pacientes não moram nesses locais, fazem seus acompanhamentos e recebem medicação compulsória. É fato que esses tratamentos ainda carecem de melhorias e aperfeiçoamento.

Keywords:

The Alienist.

Mental health.

Machado de Assis.

Abstract

The short story *The Alienist* was written by Machado de Assis and published between 1881 and 1882, with the protagonist Simão Bacamarte, the alienist, who can be understood as the precursor of the psychiatrist. Bacamarte occupies a prominent place in the village of Itaguaí, in Rio de Janeiro, after returning from his studies in Europe. He installed the Orates house or Casa Verde, an asylum to treat the mental health of those considered alienated. With the support of councilors and the local population, he was successful, but he became obsessed and ended up interning almost all of the residents. The bibliographic review methodology was used, which aims to survey materials related to the study topic. Thus, this article aims to analyze Machado's work in its critique of sanity and madness, reflecting on the role and authority of the psychiatrist, in addition to thinking about the model of hospitalization in asylums and hospices. Nowadays, after several laws and decrees, studies and greater understanding of mental issues, patients no longer live in these places, undergo follow-up care and receive compulsory medication. It is a fact that these treatments still need improvements and refinement.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil Colônia, do século XVII, não havia nenhuma estrutura, mesmo embrionária, de um sistema de saúde, ou de assistência social, direcionado para aqueles que eram excluídos da sociedade, como os

loucos, colonos, escravos, negros e indígenas. Ser considerado louco nesse período era motivo suficiente para que o indivíduo fosse excluído por ser considerado perigoso (Arruda, 1985).

O louco ainda era uma figura que estava mais para o excêntrico e o exótico, objeto de irrisão e tolerado como o bufão da cidade ou o vagabundo; porém, não necessitado de tratamento ou cuidados médicos [...]. As fases seguintes, em que a sociedade via na loucura, um perigo no louco, uma ameaça e surgiram a rejeição, o isolamento, a alienação, mesclados a preconceitos e tabus [...], somente foram aos poucos surgindo na colônia com a medicalização da loucura como a de qualquer outra doença “perigosa” e, portanto, sujeita a “controles”. A título de serem “cuidados”, os loucos eram encarcerados e largados à própria sorte, no meio de criminosos, mendigos e vagabundos (Arruda, 1985, p. 13).

A chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, devido a conflitos políticos na Europa, teve impactos positivos em diferentes ambientes do nosso país, influenciando, por exemplo, em mudanças de hábitos, no crescimento econômico e na transformação política. A modernidade havia desembarcado nos navios, junto com a Corte portuguesa, e mudaria a vida da Colônia, e seus impactos seriam vistos, claramente, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro.

Famílias tradicionais, de alta posição e prestígio na sociedade, enviavam seus doentes mentais, ou loucos, como eram chamados, para instituições como a Santa Casa de Misericórdia, ou para um asilo, uma vez que era vergonhoso para uma família abastada ter entre seus membros alguém que era considerado louco (Santos; Miranda, 2015).

Sendo assim, durante décadas, muitas pessoas foram excluídas do convívio social, tendo seu direito de livre locomoção suspenso, pois eram internadas nessas instituições pelo fato de serem consideradas anormais e algumas oferecerem certo risco a si mesmas e a outros.

Em 18 de julho de 1841, foi criado pelo decreto 82, o Hospício Pedro II, importante marco para a saúde mental, demanda antiga apresentada pela Comissão de Salubridade Geral da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. O local foi designado, exclusivamente, ao tratamento daqueles que possuíam algum tipo de transtorno mental. O novo imperador assinou esta norma como sendo seu primeiro ato, após ser coroado, e a instituição recebeu este nome para homenagear o jovem monarca (Hoffbauer, 2016).

Utilizou-se a metodologia de revisão bibliográfica, que tem por objetivo o levantamento de materiais relacionados ao tema do estudo. Assim, este artigo tem por objetivo analisar a obra *O Alienista* em sua crítica sobre a sanidade e a loucura, refletindo sobre o papel e autoridade do médico psiquiatra, além de pensar o modelo de internação em asilos e hospícios, no século XIX.

Machado de Assis, um dos grandes escritores do Brasil, escreveu *O Alienista* e outras publicações, sobre as pessoas que tinham problemas mentais, e os locais onde estes eram internados, pois tinha interesse no assunto. Suas obras podem ser consideradas a nata da literatura nacional e sua vida, inspiração para muitos.

2 MACHADO DE ASSIS – VIDA E OBRAS

Joaquim Maria Machado de Assis, mais conhecido como Machado de Assis, nasceu em 21 de junho de 1839, na cidade do Rio de Janeiro, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. Foi o fundador da cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras (ABL), onde ocupou por mais de uma década sua presidência. A academia também ficou conhecida como Casa Machado de Assis.

Criado desde a infância no Morro do Livramento, filho do pintor Francisco José de Assis e da açoriana Maria Leopoldina Machado de Assis, o autor ficou órfão da mãe muito cedo. Nascido em família pobre, enfrentou dificuldades desde a infância. Não frequentou bons cursos regulares, aprendeu as primeiras letras em uma escola pública e recebeu instrução adicional, aulas de francês e latim de Silveira Sarmiento, um padre amigo. Mas foi como autodidata que ele se desenvolveu nos estudos e se destacou na escrita e em outras áreas (Bosi, 2006).

Machado de Assis enfrentou inúmeras dificuldades até se estabelecer como influente intelectual na Corte, uma vez que ele era mulato e de família pobre e, naquela época, as teorias racistas efervesciam, com grande parte da abastada população branca sustentando sua superioridade, não permitindo espaço para outras raças, como os negros, índios e mestiços (Faraco, 1994, p. 4).

Antes dos 15 anos completos o autor publicou seu primeiro trabalho, o soneto “À Ilma. Sra. D.P.J.A”, no Periódicos dos Pobres, em 3 de outubro de 1854. A partir dessa data, ele publicou obras que englobam todos os gêneros literários e se tornou um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos.

Na poesia, inicia com o romantismo de *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870), passando pelo Indianismo em *Americanas* (1875), e o Parnasianismo em *Ocidentais* (1901). Paralelamente, apareciam as coletâneas de *Contos Fluminenses* (1870) e *Histórias da Meia-Noite* (1873); os romances *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), considerados como pertencentes ao seu período romântico (ABL).

Sua obra *O Alienista* está inserida no movimento do Realismo, no Brasil. O Realismo é considerado um estilo de época que predominou na segunda metade do século XIX. Nesta linguagem, a imaginação se separa da arte, da fantasia, do sonho, da subjetividade (Faraco; Moura, 1998).

Segundo Faraco e Moura, o Realismo:

[...] ocorre toda vez que a arte procura expressar o mundo de maneira objetiva, ou seja, deixando a imaginação, a subjetividade e o sentimentalismo em segundo plano. Nesse sentido:

podemos falar em realismo toda vez que uma obra procura reproduzir objetivamente os dados observados na realidade, conforme ocorre no conto lido;

esse realismo opõe-se a fantasia, imaginação. O termo aplica-se a obras que procuram imitar a vida real e que tem como fonte de assunto o mundo contemporâneo ao artista. A obra realista pretende ser documental, fotográfica, afastando o subjetivismo do artista (Faraco; Moura, 1998, p. 218-219).

Na literatura, o Realismo surgiu com a publicação do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, escrito por Machado de Assis, em 1881, que foi aclamado como o primeiro romance brasileiro deste estilo no país.

De acordo com Cademartori:

Mesmo não havendo lugar para a metafísica, busca-se uma verdade para além dos fatos, assim como valores morais e estéticos que caracterizarão essa literatura como sendo de ação moralizadora. A descrição minuciosa que o escritor realista busca fazer da realidade é atravessada pela preocupação moral de detectar os vícios da sociedade. Com esse intuito, as mazelas da sociedade burguesa, tão bem mascaradas pelo otimismo da narrativa romântica, vêm à cena, revelando distúrbios e conflitos inéditos ao leitor do período anterior. A narrativa romântica apresenta como vitorioso até mesmo o fracasso da sociedade no embate contra a realidade. Na narrativa realista, ao contrário, mesmo quando o herói atinge seus objetivos práticos, é apresentado como

vencido para o leitor. No Realismo, por primeira vez, revela-se o conflito do herói com a ordem social burguesa (Cademartori, 1985, p. 45).

A literatura no Realismo representava a sociedade como ela era, ou seja, sem utopias ou máscaras, com os acontecimentos sendo retratados com duras críticas, imprimindo transformações profundas no íntimo dos brasileiros, devido ao momento conturbado que o país estava vivendo.

Conforme Eça de Queirós:

O Realismo é uma reação contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento – o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para condenar o que houve de mau na nossa sociedade (Queirós apud Nicola, 1990, p. 115).

Aqueles que sofriam de qualquer tipo de distúrbios mentais nem sempre tiveram tratamento especializado. Foi a partir da chegada da família imperial que começaram a surgir os primeiros asilos, locais para tratamento, acompanhamento e profissionais especializados.

3 SOBRE A DEFINIÇÃO, ORIGEM E OBRA DO CONTO O ALIENISTA

Na concepção do Dicionário Saraiva Jovem da Língua Portuguesa Ilustrado, “alienista” é um termo que designa o médico especialista no tratamento de distúrbios mentais; psiquiatra (Saraiva, 2010, p. 37). Alienismo foi o nome escolhido para o tratamento exclusivamente asilar, com sua premissa no isolamento do indivíduo para tratamento e neutralização da periculosidade do louco. O referido termo foi idealizado por Phillipe Pinel e seus apoiadores, destacando-se Benedict Morel, no começo do século XIX, na França.

O Alienista é um dos contos mais destacados e longos de Machado de Assis, que foi publicado, inicialmente, em uma coletânea denominada *Papéis Avulsos*, em periódicos, como a “Gazeta de Notícias” e na revista de moda “A Estação”, entre outubro de 1881 e março de 1882. É o terceiro livro de contos do autor (Fernandes, 2024). Foi equiparado por vários críticos como um conto equivalente ao livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de sua autoria, pois quebra regras, sendo pioneiro neste estilo.

Papéis Avulsos pode ser considerado a gênese da maestria de Machado de Assis na narrativa breve, uma vez que esta coletânea e as seguintes – *Histórias sem Data* (1884), *Várias Histórias* (1896), *Páginas Recolhidas* (1899) e *Relíquias da Casa Velha* (1906) - são as partes mais brilhantes dos escritos machadianos (Pereira, 1988).

Do ponto de vista de Lima (1952, p. 11), *Papéis Avulsos* lançou os holofotes sobre os contos brasileiros e, depois de mais de meio século de sua publicação, continua sendo uma obra sem igual, pela sua sátira, narrativas divertidas e acidez, alcançando milhares de exemplares vendidos, sendo lido e relido, estudado e pesquisado.

O livro *O Alienista* tem sido lido e relido ao longo do tempo, e inúmeros pesquisadores tem apresentado trabalhos, procurando desvendar as múltiplas facetas desta obra machadiana, extraindo de suas páginas lições importantes que tiveram certa relação com o momento histórico vivido por Machado de Assis.

3.1 Breve resumo do conto

Simão Bacamarte é a personagem principal do conto. Ele é um renomado médico, “filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas” (Assis, 2009, p. 43). Estudou na Europa, ganhou a fama e o prestígio da coroa, além de ser indicado para reger a universidade de Coimbra em Lisboa, ou para expedir os negócios da monarquia, mas ele não aceitou. Era um patriota, retornou ao Brasil aos trinta e quatro anos para se dedicar ao seu país no exercício da medicina psiquiátrica.

Estudioso, Simão passou sua vida dedicado aos casos de demência ou loucura, na vila de Itaguaí, no Rio de Janeiro. Casou-se aos quarenta anos, com dona Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva (Assis, 2009, p. 43). Após seu casamento, elaborou um projeto audacioso, a criação da Casa de Orates, ou mais conhecida como Casa Verde, por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes, em Itaguaí.

Simão reuniu-se com os vereadores da vila e propôs a eles a criação desta instituição, inovadora para seu tempo e região. Após ser sabatinado, ele apresentou com eloquência seus argumentos, como seriam as práticas médicas, despesas de manutenção do local e quem seriam os pacientes. Após sua apresentação detalhada, foi autorizado o que pedira, sendo votado, ao mesmo tempo, um tipo de imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos pobres (Assis, 2009, p. 45). Simão Bacamarte começou a receber os alienados, segundo seus estudos e conhecimento. Mas, passado algum tempo, começou a recolher qualquer um que discordasse de suas ideias ou apresentasse qualquer comportamento estranho, conforme seu entendimento e estudos. Por fim, todos receberam alta e apenas ele, por vontade própria, ficou internado até sua morte.

3.2 Sobre o Conto *O Alienista*

A obra contém 13 capítulos, sendo eles:

- Capítulo I – De como Itaguaí ganhou a casa de Orates;
- Capítulo II – Torrente de loucos;
- Capítulo III – Deus sabe o que faz;
- Capítulo IV – Uma teoria nova;
- Capítulo V – O terror;
- Capítulo VI – A rebelião;
- Capítulo VII – O inesperado;
- Capítulo VIII – As angústias do boticário;
- Capítulo IX – Dois lindos casos;
- Capítulo X – A restauração;
- Capítulo XI – O assombro de Itaguaí;
- Capítulo XII – O final do § 4;

Capítulo XIII – Plus Ultra!

Suas personagens principais são:

- O alienista Simão Bacamarte, protagonista;
- Dona Evarista, esposa do protagonista;
- Crispim Soares, o boticário e amigo de Bacamarte;
- Padre Lopes, vigário da vila de Itaguaí;
- Porfírio, o barbeiro.

Na estruturação deste conto podemos notar que os títulos de cada capítulo são repletos de ironia, marca registrada das obras machadianas. Sua estrutura fundamenta-se em possíveis crônicas, conforme expressões identificadas ao longo da leitura, tais como, aos “cronistas”, às “crônicas” e às “crônicas da vila de Itaguaí”. Este dado pode ser evidenciado nos seguintes trechos:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanha (Assis, 2009, p. 43).

O momento em que dona Evarista pôs os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história moral dos homens [...] (Assis, 1994, p. 23).

Dizem as crônicas que dona Evarista a princípio tivera ideia de separar-se do consorte, mas a dor de perder a companhia de tão grande homem venceu qualquer ressentimento de amor-próprio e o casal veio a ser ainda mais feliz do que antes (Assis, 1994, p. 41).

O tempo da narrativa é o pretérito, percebendo-se que a história não acontece no mesmo tempo do narrador: “As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico [...]” (Assis, 2009, p. 43). Outro detalhe relevante é que seu narrador se apresenta em terceira pessoa, onisciente aos fatos.

E dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam ter visto cascavéis dançando no peito do vereador; afirmação perfeitamente falsa, mas só devido à absoluta confiança no sistema (Assis, 2009, p. 55).

Pela leitura do conto, é possível constatar que o autor evidencia a intenção do narrador que é a análise do comportamento humano, que ultrapassa as aparências e divisa as razões da conduta humana, tentando desvendar no homem toda vaidade e egoísmo. Sua personagem principal, Simão Bacamarte, conhecido como o alienista, estabelece limites entre o que é considerado normal e o que seria anormal, no campo da mente humana. Com isso, ele impacta a vila de Itaguaí, causando medo e espanto em seus cidadãos.

[...] em campo de experimentação, a partir de um flexível conceito de loucura, Simão Bacamarte leva pânico à pequena população que vê atônita as internações em sua casa de Orates, transformada em laboratório de provas (Garbuglio, 1994, p. 3).

No decorrer do conto, observa-se que seu protagonista, Simão Bacamarte, formulou quatro teorias tentando explicar a loucura humana. Na primeira, ele observa as pessoas que parecem anormais, comparando-as com as chamadas normais. Na segunda, ele expandiu a primeira teoria, entendendo que “A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia” (Assis, 2009, p. 56). A terceira teoria é embasada na ideia de “[...] que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto [...]” (Assis, 2009, p. 85). A quarta e última noção consiste em que apenas o próprio Simão Bacamarte deveria ser recolhido à Casa Verde. Sua argumentação é que “A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática (Assis, 2009, p. 96).

Analisando as quatro teorias do renomado alienista, percebe-se que ele fundamentou suas percepções em estudos frágeis, alguns formulados por ele mesmo, para tentar curar a loucura. Essas experiências impactaram os moradores de Itaguaí e causaram receio de falar em público e discordar de qualquer assunto, por medo de serem encarcerados no asilo. Qualquer que fosse o motivo, por mínimo que seja, era razão suficiente para serem levados à casa de Orates.

Nunca uma opinião pegou e grassou tão rapidamente. Cárcere privado: eis o que se repetia de norte a sul e de leste a oeste de Itaguaí, - a medo, é verdade, porque durante a semana que se seguiu à captura do pobre Mateus, vinte e tantas pessoas, - duas ou três de consideração, - foram recolhidas à Casa Verde. O alienista dizia que só eram admitidos os casos patológicos, mas pouca gente lhe dava crédito. Sucediavam-se as versões populares. Vingança, cobiça de dinheiro, castigo de Deus, monomania do próprio médico, plano secreto do Rio de Janeiro com o fim de destruir em Itaguaí qualquer gérmen de prosperidade que viesse a brotar, arvorecer, florir, com desdouro e minguada daquela cidade, mil outras explicações, que não explicavam nada, tal era o produto diário da imaginação pública (Assis, 2009, p. 62).

Machado de Assis era um escritor e leitor, homem influente na sociedade literária de sua época. A falta de locais e tratamentos adequados para pessoas portadoras de necessidades especiais despertou sua atenção e o levou a escrever sobre o tema.

3.4 O interesse de Machado de Assis nas questões de transtornos mentais

Conforme abordado anteriormente, neste trabalho, Machado de Assis tinha interesse em assuntos ligados à loucura. Então, em 1896, de forma irônica, ele voltou a escrever sobre as questões de transtornos mentais, motivado pela fuga de alguns internos do Hospício da Praia Vermelha, fato que impressionou o escritor, de certa forma, e que foi considerado por ele como ato grave, o que o levou a desenvolver duas reflexões sobre o incidente. A primeira se refere à perda de “uma das escoras” da própria alma:

[...] era convicção minha de que se podia viver tranquilo fora do Hospício dos Alienados. No bonde, na sala, na rua, onde quer que se me deparasse pessoa disposta a dizer histórias extravagantes e opiniões extraordinárias, era meu costume ouvi-la quieto. Uma ou outra vez sucedia-me arregalar os olhos, involuntariamente, e o interlocutor, supondo que era admiração, arregalava também os seus, e aumentava o desconcerto do discurso. Nunca me passou pela cabeça que fosse um demente. (Assis, 1997, p. 26). Assim vivia, e não vivia mal. A prova de que andava certo, é que não me sucedia o menor desastre, salvo a perda de paciência [...]. Agora, porém, que fugiram doudos do hospício e outros tentaram fazê-lo (e sabe Deus se a esta hora já o terão conseguido), perdi aquela antiga confiança que me fazia ouvir tranquilamente discursos e notícias. É o que acima chamei uma das escoras da minha alma. Caiu por terra o forte apoio. Uma vez que se foge do Hospício dos Alienados (e não acuso por isso a administração) onde acharei método para distinguir um louco de um homem de juízo? (Assis, 1997, p. 26).

A segunda reflexão o faz aprender algo:

O cálculo, o raciocínio, a arte com que procederam os conspiradores da fuga, foram de tal ordem, que diminuí em grande parte a vantagem de ter juízo. O ajuste foi perfeito. A manha de dar pontapés nas portas para abafar o rumor que fazia Serrão arrombando a janela do seu cubículo, é uma obra-prima; não apresenta só a combinação de ações para o fim comum, revela a consciência de que, estando ali por doudos, os guardas os deixariam bater à vontade, e a obra da fuga iria ao cabo, sem a menor suspeita. Franca-mente, tenho lido, ouvido e suportado cousas muito menos lúcidas (Assis, 1997, p. 27).

Machado de Assis escreveu ser difícil discernir quem é louco e quem não é devido ao status social e medidas políticas em vigor na sua época, o que tornava o homem susceptível à loucura. Segundo ele, ao caminhar na rua era improvável reconhecer quem era e quem não era louco, segundo a engenhosidade, criatividade e detalhes envolvidos na fuga do hospício.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Alienista é uma obra fictícia de Machado de Assis. O escritor nutria certo olhar sobre os limites da sanidade e loucura. Com humor, acidez e sátira, Machado denuncia os tratamentos que muitos recebiam, quer por realmente terem algum transtorno mental, quer por se comportarem de maneira diferente

dos chamados normais de sua época. Seu conto continua a denunciar muito dos discursos e experimentos científicos de um passado não distante, há cerca de um século ou mais, sendo enfatizado o modo de tratar aqueles que são considerados loucos.

Os tratamentos psiquiátricos evoluíram com o passar dos anos. Antes, era motivo para internação, restringindo o direito de livre locomoção dos doentes, expondo-os a novos experimentos como cobaias e encarcerando em asilos ou hospícios aqueles que apresentavam distúrbios.

Hoje em dia, após diversas leis e decretos, estudos e maior entendimento das questões mentais, os pacientes não moram nesses locais, fazem seus acompanhamentos e recebem medicação compulsória. É fato que esses tratamentos ainda carecem de melhorias e aperfeiçoamento.

Apreende-se que o sucesso de Bacamarte em seus experimentos deve-se a ser um renomado médico, formado no exterior, investido de autoridade científica e com o apoio do poder público municipal. Com essa fórmula, ele decidiu a vida de cada cidadão, se deveria ou não ser levado à Casa de Orates, restringindo o direito de ir e vir de quase todos os moradores da vila.

Machado de Assis retratou neste conto *O Alienista* como o poder, em mãos de pessoas desvirtuadas, pode afetar vidas, destruindo sonhos, causando danos irreparáveis não apenas no indivíduo em si, mas nas famílias. Com o poder e apoio dos vereadores, Simão Bacamarte encarcerou até os que não careciam de tratamento, causando medo e espanto na população.

REFERÊNCIAS

ALLY, B. Using pictures and words to understand recognition memory deterioration in amnesic mild cognitive impairment and Alzheimer's disease: a review. **Curr Neurol Neurosci Rep.**, v. 12, n. 6, p. 687-694, 2012.

AZIZ, M. *et al.* Changes of the brain's bioelectrical activity in cognition, consciousness, and some mental disorders. **Med J. Islam Repub. Iran**, v. 31, n. 53, 2017. DOI <https://doi.org/10.1007/s11910-012-0310-7>

BARRET, K. *et al.* **Ganong's Review of Medical Physiology**. 23 Ed. New York: MC Graw Hill, 2010.

BUZAN T. **Use Your Memory**. London: Book Club Associates, 1986.

DINIZ, L. *et al.* **Avaliação neuropsicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CORRÊA, M. **Mnemônica**. São Paulo: A Arca Livros, 2013. 2 ed.

DELL'ISOLA, A. **Super Memória**. São Paulo: Digerati Books, 2008.

DONALD L., SILVA F. **Niedermeyer's electroencephalography: basic principles, clinical applications, and related fields**. 6 ed. Philadelphia, 2011.

EBBINGHAUS, H. **Memory: A Contribution to Experimental Psychology**. New York: Teachers College, Columbia University. 1913. DOI <https://doi.org/10.1037/10011-000>

EUA, Presidential Proclamation 6158. *In: Library of Congress*. Disponível em: <https://www.loc.gov/loc/brain/proclaim.html>. Acesso em: 07 jan. 2021.

FOER, J. **Moonwalking with Einstein: the art and science of remembering everything**. New York: The Penguin Press, 2011.

- FUENTES, D. *et al.* **Neuropsicología: teoria e prática**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- HAMILTON M.; GERACI L. The Picture Superiority Effect in Conceptual Implicit Memory: a Conceptual Distinctiveness. **The American Journal of Psychology**, v. 119, n. 1, p. 1-20, 2006. DOI <https://doi.org/10.2307/20445315>
- HOCKLEY, W. The picture superiority effect in associative recognition. **Memory & Cognition**, 36, 2008.
- IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2018.
- KANDEL, E. **Em busca da memória: o nascimento de uma nova ciência da mente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- KANDEL, Eric *et al.* **Princípios de neurociências**. 5 ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.
- KEMPE M.; THOMAS M.; MEMMET D. Do pictures help to memorize? The influence of item presentation and executive functions on everyday memory in older adults. **Cogent Psychology**, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/23311908.2016.1168767>
- MALMIVUO, J.; PLANSEY, R. **Bioelectromagnetism - Principles and Applications of Bioelectric and Bio-magnetic Fields**. New York: Oxford University Press, 1995.
- MICALI F.; DIEZ-GARCIA R. **Pictorial instrument of food and nutrition education for promoting healthy eating**. **Rev. Nutr.**, v. 29, n. 6, 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/1678-98652016000600014>
- MINTZER M.; SNODGRASS, J. The Picture Superiority Effect: Support for the Distinctiveness Model. **The American Journal of Psychology**, v. 112, n. 1, p. 113-146, 1999. DOI: <https://doi.org/10.2307/1423627>
- NELSON, D. Pictorial superiority effect. **Journal of Experimental Psychology Human Learning and Memory**, v. 2, n. 5, p. 523-8, 1976. DOI: <https://doi.org/10.1037/0278-7393.2.5.523>
- NELSON, D.; REED, V.; MCEVOY, C. Learning to order pictures and words: A model of sensory and semantic encoding. **Journal of Experimental Psychology Human Learning and Memory**, v. 3, n. 5, p. 485-497, 1977. DOI: <https://doi.org/10.1037/0278-7393.3.5.485>
- PAIVIO, A.; CSAPO, K. Picture superiority in free recall: Imagery or dual coding? **Cognitive Psychology**, v. 5 p. 176-206, 1973. DOI: [https://doi.org/10.1016/0010-0285\(73\)90032-7](https://doi.org/10.1016/0010-0285(73)90032-7)
- PAIVIO, A. **Imagery and verbal processes**. London: Holt, Rinehart & Winston, 1971.
- PICTURE. *In*: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Picture_superiority_effect. Acesso em: 27 nov. 2020.
- PERGHER G.; STEIN L. Compreendendo o esquecimento: teorias clássicas e seus fundamentos experimentais. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 129-155, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000100008>
- SINTEC. **Memorização**. João Pessoa PB: Sintec Editora Ltda, 1994.
- TULVING E.; DONALDSON W. **Organization of Memory**. New York: Academic Press, 1972.
- VAQUE, T. The History of EEG Hans Berger. **Journal of Neurotherapy: Investigations in Neuromodulation, Neurofeedback and Applied Neuroscience**, v. 3, n. 2, p. 1-9, 1999.